

VOL I

Ciências Humanas:

Estudos Para Uma Visão Holística Da Sociedade



Silvia Inés Del Valle Navarro
Gustavo Adolfo Juarez
(Organizadores)

 EDITORA
ARTEMIS
2021

VOL I

Ciências Humanas:

Estudos Para Uma Visão
Holística Da Sociedade



Silvia Inés Del Valle Navarro
Gustavo Adolfo Juarez
(Organizadores)

 EDITORA
ARTEMIS
2021



O conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons Atribuição- Não-Comercial NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Direitos para esta edição cedidos à Editora Artemis pelos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comercial. A responsabilidade pelo conteúdo dos artigos e seus dados, em sua forma, correção e confiabilidade é exclusiva dos autores. A Editora Artemis, em seu compromisso de manter e aperfeiçoar a qualidade e confiabilidade dos trabalhos que publica, conduz a avaliação cega pelos pares de todos manuscritos publicados, com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

Editora Chefe	Prof. ^a Dr. ^a Antonella Carvalho de Oliveira
Editora Executiva	M. ^a Viviane Carvalho Mocellin
Direção de Arte	M. ^a Bruna Bejarano
Diagramação	Elisangela Abreu
Organizadoras	Prof. ^a Dr. ^a Sílvia Inés del Valle Navarro Prof. Dr. Gustavo Adolfo Juarez
Imagem da Capa	Artem Oleshko
Bibliotecário	Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Conselho Editorial

Prof.^a Dr.^a Ada Esther Portero Ricol, *Universidad Tecnológica de La Habana “José Antonio Echeverría”*, Cuba
Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, Universidade Federal de Uberlândia
Prof.^a Dr.^a Amanda Ramalho de Freitas Brito, Universidade Federal da Paraíba
Prof.^a Dr.^a Ana Clara Monteverde, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina
Prof. Dr. Ángel Mujica Sánchez, *Universidad Nacional del Altiplano*, Peru
Prof.^a Dr.^a Angela Ester Mallmann Centenaro, Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof.^a Dr.^a Begoña Blandón González, *Universidad de Sevilla*, Espanha
Prof.^a Dr.^a Carmen Pimentel, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof.^a Dr.^a Catarina Castro, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.^a Dr.^a Cláudia Neves, Universidade Aberta de Portugal
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, Universidade Federal da Grande Dourados
Prof.^a Dr.^a Deuzimar Costa Serra, Universidade Estadual do Maranhão
Prof.^a Dr.^a Eduarda Maria Rocha Teles de Castro Coelho, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal
Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, Universidade de São Paulo
Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima
Prof.^a Dr.^a Elvira Laura Hernández Carballido, *Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo*, México
Prof.^a Dr.^a Emilas Darlene Carmen Lebus, *Universidad Nacional del Nordeste/ Universidad Tecnológica Nacional*, Argentina
Prof.^a Dr.^a Erla Mariela Morales Morgado, *Universidad de Salamanca*, Espanha
Prof. Dr. Ernesto Cristina, *Universidad de la República*, Uruguay
Prof. Dr. Ernesto Ramírez-Briones, *Universidad de Guadalajara*, México
Prof. Dr. Gabriel Díaz Cobos, *Universitat de Barcelona*, Espanha
Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, Universidade Federal do Triângulo Mineiro
Prof.^a Dr.^a Gladys Esther Leoz, *Universidad Nacional de San Luis*, Argentina
Prof.^a Dr.^a Glória Beatriz Álvarez, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina
Prof. Dr. Gonçalo Poeta Fernandes, Instituto Politécnico da Guarda, Portugal
Prof. Dr. Gustavo Adolfo Juarez, *Universidad Nacional de Catamarca*, Argentina
Prof.^a Dr.^a Iara Lúcia Tescarollo Dias, Universidade São Francisco
Prof.^a Dr.^a Isabel del Rosario Chiyon Carrasco, *Universidad de Piura*, Peru
Prof.^a Dr.^a Isabel Yohena, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina
Prof. Dr. Ivan Amaro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Iván Ramon Sánchez Soto, *Universidad del Bío-Bío*, Chile



Prof.ª Dr.ª Ivânia Maria Carneiro Vieira, Universidade Federal do Amazonas
 Prof. Me. Javier Antonio Albornoz, *University of Miami and Miami Dade College, USA*
 Prof. Dr. Jesús Montero Martínez, *Universidad de Castilla - La Mancha, Espanha*
 Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, UniFIMES - Centro Universitário de Mineiros
 Prof. Dr. Juan Carlos Mosquera Feijoo, *Universidad Politécnica de Madrid, Espanha*
 Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, *Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín, Colômbia*
 Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
 Prof. Dr. Leinig Antonio Perazolli, Universidade Estadual Paulista
 Prof.ª Dr.ª Livia do Carmo, Universidade Federal de Goiás
 Prof.ª Dr.ª Luciane Spanhol Bordignon, Universidade de Passo Fundo
 Prof. Dr. Manuel Ramiro Rodriguez, *Universidad Santiago de Compostela, Espanha*
 Prof. Dr. Marcos Augusto de Lima Nobre, Universidade Estadual Paulista
 Prof. Dr. Marcos Vinicius Meiado, Universidade Federal de Sergipe
 Prof.ª Dr.ª Margarida Márcia Fernandes Lima, Universidade Federal de Ouro Preto
 Prof.ª Dr.ª Maria Aparecida José de Oliveira, Universidade Federal da Bahia
 Prof.ª Dr.ª Maria do Céu Caetano, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
 Prof.ª Dr.ª Maria do Socorro Saraiva Pinheiro, Universidade Federal do Maranhão
 Prof.ª Dr.ª Maria Lúcia Pato, Instituto Politécnico de Viseu, Portugal
 Prof.ª Dr.ª Maritza González Moreno, *Universidad Tecnológica de La Habana "José Antonio Echeverría", Cuba*
 Prof.ª Dr.ª Mauriceia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras
 Prof.ª Dr.ª Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense
 Prof.ª Dr.ª Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras
 Prof.ª Dr.ª Paula Arcoverde Cavalcanti, Universidade do Estado da Bahia
 Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará
 Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares, Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Sergio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia
 Prof.ª Dr.ª Silvia Inés del Valle Navarro, *Universidad Nacional de Catamarca, Argentina*
 Prof.ª Dr.ª Teresa Cardoso, Universidade Aberta de Portugal
 Prof.ª Dr.ª Teresa Monteiro Seixas, Universidade do Porto, Portugal
 Prof. Dr. Turpo Gebera Osbaldo Washington, *Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa, Peru*
 Prof. Dr. Valter Machado da Fonseca, Universidade Federal de Viçosa
 Prof.ª Dr.ª Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande
 Prof.ª Dr.ª Vera Lúcia Vasilévski dos Santos Araújo, Universidade Tecnológica Federal do Paraná
 Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, *Corporación Universitaria Autónoma del Cauca, Colômbia*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C569 Ciências humanas [livro eletrônico] : estudos para uma visão holística da sociedade: vol I / Silvia Inés Del Valle Navarro, Gustavo Adolfo Juarez. – Curitiba, PR: Artemis, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-87396-37-8

DOI 10.37572/EdArt_270621378

1. Ciências humanas. 2. Desenvolvimento humano. 3. Estudos culturais.
 I. Del Valle Navarro, Silvia Inés. II. Juarez, Gustavo Adolfo.

CDD 300.7

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422



APRESENTAÇÃO

ESTUDIOS CULTURALES Y DESARROLLO HUMANO

“Só quem pode surgir com o povo é o novo.

E o novo são as crianças.

Com elas, poderão vir as respostas que não encontramos” ...

“...Poxa, até que essa geração mais velha tem algo a oferecer”

Ubiratan D´Ambrosio

São Paulo, 8 de Diciembre de 1932 - 12 de Mayo de 2021

Este libro, titulado **Ciências Humanas: Estudos para uma Visão Holística da Sociedade**, surge mientras transitamos un momento muy particular para nuestra especie humana, en donde se ve amenazada su existencia en forma global. Es por ello, que debe valorarse el esfuerzo de numerosos autores e investigadores que todavía sienten la necesidad y el deseo de entregar sus esfuerzos en la causa de la difusión de resultados de sus trabajos científicos.

Mientras esperamos soluciones, que resguarden al bienestar en la Salud y con ello en la recomposición de la Economía y Educación, por el retraso que esta situación pandémica produce, queda la esperanza de que el replanteo social en las estructuras de las sociedades nos lleven a valorar los resultados que hasta ahora nos ha permitido sobrevivir. Por lo tanto, en esta obra, donde el conjunto de capítulos reflejan la inherente participación en la diversidad de temáticas planteadas, están agrupados trabajos considerados desde el perfil profesional de cada temática asumida por autores de diversos lugares del planeta.

En el Primer Volumen, que tiene como eje temático **ESTUDIOS CULTURALES Y DESARROLLO HUMANO**, se detallan éstos aspectos que se reflejan en las disímiles comunidades que son estudiadas e investigadas por algunos autores en las problemáticas locales mostrando sus inquietudes, tanto a nivel etario, como de sus actividades, o profesiones.

Esperando que estos trabajos sean de gran aporte a los lectores, les deseamos una buena lectura.

SILVIA INÉS DEL VALLE NAVARRO

GUSTAVO ADOLFO JUAREZ

APRESENTAÇÃO

ESTUDOS CULTURAIS E DESENVOLVIMENTO HUMANO

*“Só quem pode surgir com o povo é o novo.
E o novo são as crianças.
Com elas, poderão vir as respostas que não encontramos”...*

“...Poxa, até que essa geração mais velha tem algo a oferecer”

Ubiratan D´Ambrosio
São Paulo, 8 de Diciembre de 1932 - 12 de Mayo de 2021

Este livro, intitulado **Ciências Humanas: Estudos para uma Visão Holística da Sociedade**, surge enquanto vivemos um momento muito particular para nossa espécie humana, onde sua existência está ameaçada globalmente. Por este motivo, deve ser valorizado o esforço de inúmeros autores e investigadores que ainda sentem a necessidade e o desejo de se empenharem na causa da divulgação dos resultados dos seus trabalhos científicos.

Enquanto esperamos por soluções que protejam o bem-estar na Saúde e com ela na recomposição da Economia e da Educação, pelo atraso que esta situação pandêmica produz, espera-se que o repensar social nas estruturas das sociedades nos leve valorizar os resultados que até agora nos permitiram sobreviver. Portanto, nesta coletânea, onde o conjunto de capítulos refletem a participação inerente à diversidade das questões levantadas, se agrupam obras consideradas a partir do perfil profissional de cada disciplina assumida por autores de diversas localidades do o planeta.

No Primeiro Volume, que tem como eixo temático ESTUDOS CULTURAIS E DESENVOLVIMENTO HUMANO, detalham-se esses aspectos que se refletem nas comunidades díspares que são estudadas e investigadas por alguns autores em problemas locais mostrando suas preocupações, tanto em nível de idade, quanto em suas atividades, ou profissões.

Esperando que esses trabalhos sejam de grande contribuição para os leitores, desejamos uma boa leitura.

SILVIA INÉS DEL VALLE NAVARRO
GUSTAVO ADOLFO JUAREZ

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1.....1

A DESINFORMAÇÃO NA HISTÓRIA: AS FAKE NEWS NO CASO DREYFUS E NA ERA DIGITAL

[Denise Paro](#)

DOI 10.37572/EdArt_2706213781

CAPÍTULO 2..... 10

INTELIGENCIA EMOCIONAL RASGO Y PERSONALIDAD

[Èlia López-Cassà](#)

[Núria Pérez-Escoda](#)

[Albert Alegre Rosselló](#)

DOI 10.37572/EdArt_2706213782

CAPÍTULO 3..... 20

REVISIÓN TEÓRICA Y EMPÍRICA DEL ESTUDIO DE LAS FORTALEZAS Y VIRTUDES EN EL CURSO DE VIDA ADULTO

[Franco Morales](#)

[Claudia Josefina Arias](#)

DOI 10.37572/EdArt_2706213783

CAPÍTULO 4.....28

PSICOANÁLISIS CON NIÑOS: JUEGO Y SIGNIFICANTE EN EL RECORRIDO PULSIONAL

[Celeste Ghilioni](#)

DOI 10.37572/EdArt_2706213784

CAPÍTULO 5.....36

IATROGENIA Y NUEVA SOCIALIDAD: UN ESTUDIO DE LOS EFECTOS EN EL DESARROLLO DE LA SENSIBILIDAD SOCIAL DE UN GRUPO DE ADOLESCENTES DESINSTITUCIONALIZADOS

[Clody Genaro Guillén Albán](#)

DOI 10.37572/EdArt_2706213785

CAPÍTULO 6	51
MEASURING THE STRUCTURAL VALIDITY OF TWO NORDOFF-ROBBINS SCALES FOR A PATIENT WITH AUTISM	
Aline Moreira Brandão André Cristiano Mauro Assis Gomes Cybelle Maria Veiga Loureiro	
DOI 10.37572/EdArt_2706213786	
CAPÍTULO 7	67
ACTIVIDAD SEXUAL, FRECUENCIA Y SATISFACCIÓN DE HOMBRES Y MUJERES MAYORES	
Isabel Piñeiro Aguín Susana Rodríguez Martínez Iris Estévez Blanco Bibiana Regueiro Fernández Marcia Galina Ullauri Carrión	
DOI 10.37572/EdArt_2706213787	
CAPÍTULO 8	78
A MULHER ENCARCERADA: UM BREVE CAMINHO HISTÓRICO-SÓCIO-CULTURAL DA MULHER E A SUA VULNERABILIDADE	
Sylvio Takayoshi Barbosa Tutya Maria Elisa de Lacerda Faria Bianca da Silva Muniz Thamyres Ribeiro Pereira	
DOI 10.37572/EdArt_2706213788	
CAPÍTULO 9	93
LIDERAZGO FEMENINO BAJO EL BUEN VIVIR Y LA COSMOVISIÓN ANDINA	
Carolina Bown	
DOI 10.37572/EdArt_2706213789	
CAPÍTULO 10	102
LAS NUEVAS FORMAS LABORALES: SU IMPACTO SUBJETIVO Y EFECTOS EN LA SALUD/SALUD MENTAL	
María Flaviana Ponce	
DOI 10.37572/EdArt_27062137810	

CAPÍTULO 11.....	109
COHERENCIA ORGANIZACIONAL: EVIDENCIA EXPERIMENTAL SOBRE EFECTOS DE LOS JUICIOS DE COHERENCIA	
Fernando Toro Álvarez	
DOI 10.37572/EdArt_27062137811	
CAPÍTULO 12.....	119
A GREVE DE 2012 - UM MOVIMENTO DE RESISTÊNCIA E REAÇÃO CONTRA A APROPRIAÇÃO DO TRABALHO IMATERIAL NA POLÍCIA FEDERAL	
Antônio José Moreira da Silva	
DOI 10.37572/EdArt_27062137812	
CAPÍTULO 13.....	139
DESIGN E ARTESANATO: PROCESSO DE CRIAÇÃO DE BOLSAS DE CROCHÊ COM REAPROVEITAMENTO DE MATERIAIS	
Zulmira Alves Correia	
DOI 10.37572/EdArt_27062137813	
CAPÍTULO 14.....	144
A ESCOLA MÉDICA DE ANGOLA DE 1791 E A SUA PARTICIPAÇÃO NA HISTÓRIA GLOBAL: DIFUSÃO DE SABERES AFRICANOS (SÉCULOS XVIII E XIX)	
Fernanda Ribeiro Rocha Fagundes	
DOI 10.37572/EdArt_27062137814	
CAPÍTULO 15.....	157
RELIGIÃO, ENVELHECIMENTO E DOR: INTERMEDIações ENTRE FORMAS CULTURAIS DE REPRESENTAR O SOFRIMENTO E PRÁTICAS CURATIVAS ENTRE PESSOAS IDOSAS NA AMAZÔNIA BRASILEIRA	
Ramiro Esdras Carneiro Batista	
Flávio Pereira Passos	
DOI 10.37572/EdArt_27062137815	
CAPÍTULO 16.....	170
A RELAÇÃO DE MARIA COM A TRINDADE: SIGNIFICADO PARA AS CULTURAS LATINO AMERICANO E CARIBENHA	
Wilner Charles	
DOI 10.37572/EdArt_27062137816	

CAPÍTULO 17	183
O PARADOXO DO JORNALISMO NA HISTÓRIA IMEDIATA: ANÁLISE CULTURAL DA EXPERIÊNCIA VIVIDA DE PROFISSIONAIS NO COTIDIANO DE UBERLÂNDIA	
Gerson de Souza	
DOI 10.37572/EdArt_27062137817	
CAPÍTULO 18	197
ATIVIDADE DE INCENTIVO À LEITURA - QUE TÍTULO VOCÊ DARIA PARA ESSE LIVRO?	
João Vitor Santos de Souza	
Luciana Zago Ethur	
Guilherme Schimitt	
Shirlei Pezzi Fehndrich	
Aparecida Miranda Corrêa	
João Vitor Liscano Gomes	
Danrlei Melo Maciel	
Daniele Felicio Rodrigues	
Carine Borges Batista	
DOI 10.37572/EdArt_27062137818	
CAPÍTULO 19	207
A IDENTIFICAÇÃO DO SUJEITO ATRAVÉS DA ESCRITA	
Daiane Luiza Lopes	
Alexa Fagundes dos Santos	
Carolina Baldissera Gross	
DOI 10.37572/EdArt_27062137819	
SOBRE OS ORGANIZADORES	213
ÍNDICE REMISSIVO	214

CAPÍTULO 15

RELIGIÃO, ENVELHECIMENTO E DOR: INTERMEDIÇÕES ENTRE FORMAS CULTURAIS DE REPRESENTAR O SOFRIMENTO E PRÁTICAS CURATIVAS ENTRE PESSOAS IDOSAS NA AMAZÔNIA BRASILEIRA¹

Data de submissão: 05/05/2021

Data de aceite: 28/05/2021

Ramiro Esdras Carneiro Batista²

<http://lattes.cnpq.br/0809460177410652>

Flávio Pereira Passos³

<http://lattes.cnpq.br/6155181448624759>

RESUMO: O artigo objetiva refletir sobre a relação entre distintas formas culturais de representar o envelhecimento e a dor, recorrendo a abordagem etnográfica a fim de referenciar práticas discursivas e terapêuticas, que desvelem estratégias de enfrentamento a dor física advinda do processo de envelhecimento biológico, bem como a dor psíquica, resultante da

¹ Registramos nosso agradecimento à Professora Doutora Jane Felipe Beltrão, que no âmbito da disciplina *Debates Contemporâneos e Feminismos – Tópicos Especiais em Antropologia* (PPGA-UFFPA), nos proporcionou leituras e subsídios para iniciar a presente discussão.

² Doutorando em Antropologia pela Universidade Federal do Pará (UFFPA). Professor assistente da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Pesquisador vinculado ao Grupo de *Pesquisa Cidade, Aldeia e Patrimônio na Amazônia/CNPq-UFFPA*. E-mail: ramiro.esdras.carneiro@gmail.com.br

³ Mestre em Antropologia pela Universidade Federal do Pará (UFFPA). Fisioterapeuta especializado em geriatria e gerontologia. Membro do grupo de *pesquisa Cidade, Aldeia e Patrimônio na Amazônia/CNPq-UFFPA*. E-mail: flavio.pp@hotmail.com

representação social que se impõe a pessoas idosas, em diferentes contextos da Amazônia oriental. Propõe ainda pensar nas possibilidades que políticas públicas de atenção à saúde e bem viver de pessoas idosas podem realizar, em diálogo com instituições comunitárias e religiosas que se constituem como estratégia autônoma de enfrentamento a senectude de diferentes sujeitos sociais, quer em contexto urbano, quer em contexto rural.

PALAVRAS-CHAVE: Antropologia da dor. Envelhecimento e práticas terapêuticas. Amazônia.

RELIGION, AGING AND PAIN: INTERMEDIATIONS BETWEEN CULTURAL WAYS OF REPRESENTING SUFFERING AND HEALING PRACTICES AMONG ELDERLY PEOPLE IN THE BRAZILIAN AMAZON

ABSTRACT: The article aims to reflect on the relationship between different cultural ways of representing aging and pain, using the ethnographic approach in order to refer to discursive and therapeutic practices, which reveal strategies for coping with physical pain arising from the biological aging process, as well as the psychic pain, resulting from the social representation that imposes itself on elderly people, in different contexts of the eastern Amazon. It also proposes to think about the possibilities that public policies for health care and good living for elderly people

can achieve, in dialogue with community and religious institutions that constitute an autonomous strategy for coping with the senectus of different social subjects, whether in an urban context or in a rural context.

KEYWORDS: Anthropology of pain. Aging and therapeutic practices. Amazon.

Ao longo da história humana, indivíduos e povos tem envidado práticas religiosas no objetivo de tornar, tanto a experiência de dor, quanto de morte, um processo suportável, porque imerso em uma teia de significados socialmente construídos. Tomando a análise a relação entre práticas terapêuticas e religiosas entre pessoas idosas, vimos que tal relação pode ser vivenciada de maneira semelhante, mas com resultados distintos em diferentes grupos étnicos e no interior de diferentes confissões religiosas, conforme discutiremos. Outrossim, é possível propor que a busca pelo alívio da dor junto a religiões e personalidades (pessoas) com supostos dons de cura é uma prática comum entre as populações amazônicas, desde o período pré-colonial.

As variadas formas de significar a dor refletem a complexidade do emaranhado de signos que envolvem o conceito de saúde, entre seres humanos. Nesse sentido, a violência estrutural do estado brasileiro com respeito ao não provimento de políticas públicas de saúde, bem-estar e envelhecimento sadio, fazem das práticas religiosas de diferentes matrizes um importante condutor terapêutico, para que as pessoas possam lidar com a progressiva perda de bem-estar social, sobretudo aquelas/les que se encontram em situação de vulnerabilidade, seja por aspectos intrínsecos (biológicos) ou extrínsecos (instabilidade política e econômica).

O campo do sagrado e do religioso na Amazônia apresenta-se especialmente complexo em função das narrativas historicamente constituídas que apontam para o contexto de encantaria, misticismo e fusão de diferentes matrizes religiosas que tanto caracterizam a região, dada sua diversidade humana e cultural no tempo e no espaço. Desta maneira, o presente artigo pretende comparar práticas/narrativas terapêutico-religiosas entre pessoas amazônicas idosas, indígenas e não indígenas, da perspectiva do método etnográfico, com coleta de dados a partir de entrevistas não estruturadas.

SAÚDE, ENVELHECIMENTO E GÊNESE DA DOR

A exemplo do conceito de saúde, há dificuldades em classificar e categorizar o envelhecimento humano e até mesmo de entender o que seria o fenômeno, visto seu caráter subjetivo. Um exemplo que representa a subjetividade inerente a representação

desta fase da vida é percebido no relato de Ziraldo Alves Pinto.⁴ Uma vez provocado a falar sobre seu próprio processo de senectude, durante uma entrevista, o cartunista brasileiro respondeu que:

“... eu tô inventando agora essa moda de ficar velho, porque o negócio é o seguinte: eu vim andando pela vida, nunca passou pela minha cabeça que eu era velho. Um dia acordei e falei “gente eu tô velho”, aí levantei e tropecei no taco levantado, falei: “a prova tá aí, já estou arrastando o pé!... e comecei a arrastar o pé, foi semana passada isso ...” (Ziraldo Alves, 2017)

A resposta dada demonstra a individualidade inerente ao tema, pois para Ziraldo, a velhice chegou a partir do momento em que começou a “arrastar o pé” e sua resposta, talvez proposta de forma jocosa, confere lastro a muitas ilações. Segundo Debert (1994), a maneira de lidar com a velhice pode variar de acordo com o contexto histórico e cultural em que o sujeito está inserido. Assim, se o entorno social atribui estereótipos a esta fase da vida, discriminando e diminuindo progressivamente o papel e a importância social do indivíduo de acordo com os anos vividos, acaba-se por atribuir um significado negativo a velhice, transformando-a em prenúncio para a morte social do indivíduo (Kellehear, 2016), o que parece ser o caso da maior parte dos arranjos sociais de cunho urbano e industrial das sociedades ocidentais, na atualidade.

Por outro lado, se o arranjo em que o sujeito social está inserido atribui a vetustez de sua existência funções como a mediação na relação com o sagrado, e/ou a prática de saberes e mecanismos de cura e alívio físico e emocional, por exemplo, o papel atribuído e o *status* da pessoa idosa será completamente distinto, o que pode impactar subjetivamente na forma como ela mesma irá somatizar os efeitos e dores inerentes ao processo de envelhecimento biológico. Nesse sentido, a comparação entre pessoas idosas de um contexto urbano industrial com outras de contextos sociais não urbanos e pertencentes a grupos etnicamente diferenciados, pode lançar possibilidades de reflexão sobre o mencionado subjetivismo.

No caso do presente artigo, tomaremos a análise uma comunidade indígena do município de Oiapoque/Amapá e, em comparação, um grupo de idosas/os não indígenas da cidade de Belém/Pará, indagando de que forma seus sujeitos conferem significado ao papel e função social de pessoas em processo de envelhecimento, ao tempo que tentamos perceber nuances da relação entre religiosidade e tratamento da dor. Por tratar-se de uma alteridade distinta da ocidental urbanizada, pode-se propor aprioristicamente que entre comunidades indígenas em sentido *lato* – mesmo as impactadas pelo processo de

⁴ Entrevista concedida ao Programa de televisão Altas Horas, em 09/12/2017. Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/6347638/>.

colonização epistêmica protagonizado por distintos atores civis, militares e eclesiásticos – pessoas idosas detêm *status* diferenciado do que estamos acostumados a testemunhar no contexto do transporte público de uma metrópole como a capital paraense, por exemplo.

Entre o povo indígena *Karipuna* do rio Curipi, no município de Oiapoque/ Amapá, o cotidiano etnográfico demonstrou que o decorrer dos anos confere as pessoas saberes e comportamentos que não são possíveis de serem alcançados por uma pessoa jovem, por mais habilidosa que ela seja (Beltrão, 2020, p.17). Dentre os *Karipuna*, o título de *Ghãmun*⁵ (Pessoa-Grande), é usado para anciãos e anciãs, produto da sabedoria e conseqüente reconhecimento social dirigido pela comunidade em direção a seus membros, via de regra, idosos. Nesse sentido, entre os *Karipuna*, pode-se depreender que pessoas idosas são inerentemente qualificadas como lideranças a serem consultadas em todos os aspectos da vida, sobretudo no que diz respeito as práticas terapêuticas e religiosas, estas, dificilmente passíveis de separação entre aquele povo. Cumpre ressaltar ainda que no mesmo contexto o povo *Galibi-Marworno* também lança a seus idosos o título de *Ghãmun*. Além disso, os *Palikur-Arukwayene*, outro povo indígena do Baixo Oiapoque, em que pese a distinção linguística e cultural, trata seus idosos com o título de *Ahwiw*, palavra traduzida do *parikwaki*⁶ como “velho”, mas que tem a conotação de “sábio das coisas da vida e do cosmo” (Natã dos Santos – Comunicação Pessoal, abr.2018). Portanto, constata-se que pelo menos três dos quatro povos indígenas do Baixo Oiapoque atribuem uma função social parecida e sobretudo, positiva, aos seus membros idosos.

Em relação à prática religiosa, sabemos pela literatura etnográfica que os *Karipuna* são, dentre os coletivos indígenas do Oiapoque, o povo onde o *Turé Aruaque* e o cultivo aos espíritos *Karuana* é mais presente, atualmente. Entre os *Karipuna*, o trabalho do xamã é socializado e seu desempenho tornado público “[p]or meio dos turés e das sessões de cura”. (Sztutman, 2005, p. 218) Aparentemente, o xamanismo *Karipuna* guarda em suas festividades de agradecimento aos espíritos *Karuana* uma relação de domesticação em detrimento da troca de agressões, o que lhe confere um *status* positivo e sincrético com a simbologia cristã, dentre o coletivo, conforme percebemos na imagem abaixo:

⁵ *Ghãmun* é uma palavra em *Kheúol* (língua geral afro-indígena usada pelos quatro povos do Baixo Oiapoque) que pode ser traduzida literalmente como “mundo-grande” ou “pessoa-grande”. Como nos foi explicado, a palavra designa uma pessoa grande e notável em conhecimento e, portanto, digna de maior respeito e etiqueta no trato cotidiano. Essa grandeza não pode ser atingida por uma pessoa jovem, por mais rica e poderosa que ela se apresente e, conforme *Yanomami* Silva (Comunicação pessoal, mar. 2016), trata-se de um título que só a comunidade, a idade e a experiência juntas podem conferir ao sujeito.

⁶ Língua indígena de matriz *Aruaque*, de uso exclusivo do povo *Palikur*.

Foto 01: Cerimônia do *Turé Karipuna*. Ao centro do *Laku* (círculo ritual), sentada em um banco zoomorfo de peixe espadarte e ao sopé da cruz de morfologia judaico-cristã, a falecida *Ghãmun* Xandoca (Alexandrina dos Santos), serve a *cuia de Kaxiri* (bebida cerimonial a base de mandioca) aos jovens iniciados.



Foto de Ramiro Esdras. (novembro. 2015)

A partir da imagem acima, é possível inferir o papel central atribuído a uma *Ghãmun* idosa no coletivo indígena, que comanda a relação com o sagrado e inicia os jovens nas práticas terapêuticas e religiosas. No contexto do grupo de pessoas idosas não indígenas com as quais dialogamos, que frequentam o Centro de Convivência da Terceira Idade Zoe Gueiros (CCIZG)⁷ em Belém do Pará, constatamos a diferença no espaço que destina-se exclusivamente a pessoas de 60 anos ou mais, residentes nos arredores, sendo que suas atividades ocorrem em período vespertino e matutino de segunda a sexta-feira. No caso da interlocução com as idosas não indígenas, o período de convivência total foi de três meses e possibilitou a escuta de 25 interlocutoras, as quais, em sua maioria, referiam alguma queixa de dor seja por doença, violência ou solidão.

Chamou-nos atenção que tanto entre as narrativas de pessoas indígenas, quanto não indígenas, a importância atribuída a prática religiosa como meio de sobrepujar as dificuldades e dar novo sentido à vida é constante, o que parece evidenciado na fala de Dona Maria Lucia, sobre a importância do CCIZG:

⁷ Modalidade de instituição não-asilar de permanência diurna, onde são desenvolvidas atividades físicas, laborativas, recreativas, culturais, associativas e de educação para idosos/os (Brasil, 1996). Atende por preferência idosos/os de baixa renda, beneficiários dos programas de auxílio do governo.

“... eu só tenho um ano aqui, sou novata né! Mas me sinto bem graças a Deus. [emocionada, chorando continuou] Eu achava que na minha vida, eu ia assim morrer, por que não tinha vida, vamos dizer assim, eu não tinha assim, aaa é idoso, [dona Lindaval completou: “fica jogado às traças”] E graças a Deus cheguei aqui encontrei as meninas aqui com o maior carinho com a gente [funcionários], ela também [as frequentadoras] graças a Deus me senti bem, me senti outra Lúcia que até o pastor disse: “a como você mudou! ”. (71 anos, 28. jun. 2018)

Igrejas, templos, paróquias ou espaços religiosos/comunitários que promovem o fortalecimento de vínculos entre seus/suas frequentadores/as aparentemente permitem ressignificar a velhice, talvez por intermédio da atividade física ou trabalho voluntário, o que propicia uma nova rotina e desenvolve possibilidades de trabalho que respeitam as limitações do corpo. A exemplo, Dona Lindalva fala sobre sua dedicação na paróquia:

“sou voluntária, assim, quando tem trabalhos da Paróquia né, de negócio de jantar essas coisas, hoje eu já estou sentindo que eu já não tenho o pique de fazer 1000 refeições, para quem trabalhava nos jantares era 1000 refeições né, então hoje eu já não tenho, eu coordenava essa cozinha hoje eu já não tenho condições eu já tô sentindo que não tenho condições. Por que? Pelas limitações, porque eu já não tenho condições de pegar uma panela por causa das dores dos braços né, pega panela pesada porque você sabe uma coisa para 400, 800, 1000 pessoas é muita coisa né, são coisas que você trabalha três dias praticamente, trabalha antes no meio e depois, então isso o próprio corpo da gente vai limitando vai mostrando e anunciando que nós não temos condições de manter aquela rotina, mas nós podemos procurar outro caminho, podemos continuar nossas atividades fazendo coisas mais leves né, para não parar, então isso é que eu ‘tô procurando, tô por aqui procurando me mexer de todo jeito né”. (66 anos, 10.mai.2018)

Em campo também foi observada a presença de imagens religiosas dispostas no móvel de madeira nos fundos do CCIZG (Foto 02, abaixo), onde a todo momento, as pessoas se aproximavam para tocá-las e fechavam os olhos ao que parecia ser um momento de oração. Diante do observado, conversamos com a assistente social da instituição a respeito e foi dito que as/os frequentadoras/es tem por hábito, todos os dias, ler a bíblia ou falar com as imagens:

Foto 02: Altar multireligioso localizado no interior do Centro de Convivência.



Fonte: CCIZG (abril.2019)

Outro momento importante proposto pelo Centro CIZG foi a realização do Mini Círio (Foto 03, p. 07) no ano de 2018, onde as/os frequentadoras/es prestaram homenagens à Nossa Senhora de Nazaré. A importância do evento se dá pela sua representatividade, visto que o Círio de Nazaré⁸ é a maior procissão religiosa do Brasil (Alves, 2005), e acontece por mais de dois séculos em Belém/PA, impactando a vida de inúmeras pessoas, principalmente as que residem na cidade e professam a religião católica. O cortejo do Mini Círio é considerado importante porque planejado de acordo com a capacidade física das/os frequentadoras/es e tem como protagonistas as idosas/os frequentadores do centro, contando ainda com a participação de estudantes de escolas próximas e acadêmicos que frequentam o CCIZG.

Foto 03: Cortejo do Mini Círio organizado pela coordenação do Centro de Convivência em outubro de 2018.



Imagem cedida pelo CCIZG. (abril.2019)

Com respeito a sociedades não indígenas e contextos sociais distintos do proporcionado pelo trabalho do CCIZG, Lins de Barros (2003) problematiza que o ato de reconhecer-se como velha ou velho parece ser difícil, pela classificação estar mais associada a decadência e menos a possibilidade de atingir à sabedoria. Mas como

⁸ É considerada a maior festa do estado e uma das maiores do país, ocorrendo todos os anos no segundo domingo do mês de outubro, nas ruas históricas de Belém do Pará. O Círio foi comemorado pela primeira vez em outubro de 1793, e ao todo são quinze dias de manifestações de fé (Jurkevics, 2005).

parece demonstrar o caso específico da/do *Ghãmun* entre os *Karipuna* na atualidade, tais adjetivos e premissas negativas que pejoram a imagem da pessoa idosa devem ser relativizadas, particularizadas, e a partir de sua existência e significância no interior de cada arranjo social, serem ou não confirmadas. Em relação a Lins de Barros, a premissa parece estar dirigida a arranjos sociais urbano/industriais, mas, nem mesmo assim, podem ser generalizadas, como nos mostra o contexto relacional observado no cotidiano do Mini Círio.

Toledo Angel Moreno (2011) nos auxilia a entender tais distinções acerca da representação social do envelhecimento quando demonstra que estes são ensinados na infância, momento em que as pessoas constroem boa parte de seu arcabouço para interação social. Tratam-se portanto de valores e percepções que uma vez ensinados, permanecem por gerações, o que não impede que sejam desconstruídos, quando entendemos o quanto prejudicam a saúde, auto imagem e bem estar social das pessoas idosas (Beltrão et. al, 2019).

No caso de sociedades não indígenas, um fator que parece contribuir de forma sintomática para estigmatizar o envelhecimento de seus membros é o fato de os idosos/as não mais integrarem a população trabalhadora, ou em outros termos, a população economicamente ativa. Segundo Denys Cuche (2002) a valorização do trabalho surge na segunda metade do século XVIII, em oposição ao ócio da aristocracia que se distinguia da burguesia, exatamente por sua ostentação. Aparentemente, as sociedades ocidentais que afastaram a aristocracia do poder político reafirmando os valores burgueses do trabalho e produtividade, não conseguiram ressignificar os papéis e funções atribuídos aos seus membros idosos.

Notamos que a busca da juventude eterna como forma de resposta e resistência ao lugar social desconfortável atribuído ao idoso (Debert, 1997; Minayo & Coimbra, 2002), não parece fazer sentido em sociedades não indígenas, pelo menos no que diz respeito ao povo *Karipuna* do rio Curipi, visto que o *status* de *Ghãmun* não se coaduna com a ideia desconfortável de um/a “velho/a” como um sujeito sem função social e entregue a própria sorte. Ao contrário, a velhice venerável e eivada de funções sociais especializadas e relevantes para o grupo costuma ser descrita como agradável, porque o “trabalho pesado” seria reservado aos jovens, a exemplo do que ouvimos em diferentes oportunidades no médio rio Curipi. A julgar pelas evidências etnográficas que encontramos, há uma modalidade de gerontologia em termos próprios (Debert, 1994), difundida no coletivo *Karipuna*, que lança uma visão valorosa sobre seus membros idosos.

Digno de nota também é que no interior do coletivo indígena não foram percebidas buscas por eufemismos como “terceira” ou “melhor idade” para referir os idosos. O termo

“velho” ou “mais velhos” é usado em português livremente, sem que se constitua em acinte ou ofensa aos idosos e idosas do grupo. Mas durante as interlocuções com idosas na metrópole paraense a queixa de dor foi frequente e nesse sentido, vale indagar se o desconforto físico pode ser intensificado ou atenuado, mediante a representação do grupo sobre o sujeito que envelhece. Dito de outra forma, como é possível que em sociedades erroneamente classificadas com termos generalizantes como a de “caçadores-coletores” ou “agricultores de várzea”, que dependem essencialmente da força e vitalidade física de seus membros, o ato de envelhecer possa ser experimentado como mais confortável e seguro, a julgar pelo constatado no exemplo *Karipuna*? Seria possível postular que a sensação objetiva de dor física pode ser modulada por meios simbólicos, referentes ao *status* social da pessoa em processo de senectude?

RELIGIOSIDADE E EFICÁCIA SIMBÓLICA

Como já vimos apontando, o ato de envelhecer é subjetivo e percebido no âmbito do valor que o grupo confere ao sujeito idoso. É sabido que perceber-se senil decorre de eventos significativos e multifacetados, seja por mudança na própria participação social (aposentadoria, viuvez), seja por momentos de ameaça à vida materializados em eventos de dor crônica ou doença. (Lins de Barros, 2003)

Em alguns casos o ato de sentir dor é associado ao envelhecimento, como nos relatos de nossas interlocutoras idosas do CCIZG. Neles, eventos relativos à dor são tidos como sinônimo de “velhice”, assim, quem sente dor é porque “tá velho” ou “é coisa de velho”. Tal expressão discriminatória identificada na fala das interlocutoras é usada como uma “piada”, dirigida contra pessoas de qualquer idade que se queixam de dor. São observações que podem ser ampliadas para pensar o grupo de idosas/os não indígenas porque foram constantemente reificadas, de maneira que no caso das pessoas de Belém com quem dialogamos – diferentemente dos idosos/as da etnia *Karipuna* do Oiapoque – a velhice não parece ter sido associada a sabedoria ou a um *status* socialmente significativo perante a comunidade, mas antes a decadência, ao isolamento e a incapacidade da pessoa.

Além da percepção negativa do *status* de idoso por pessoas genas de Belém, os diálogos etnográficos demonstraram a tensão intergeracional e as dificuldades de comunicação entre a geração frequentadora do CCIZG e seus jovens familiares e comunitários. Em que pese os/as “velhos/as” serem percebidos como frágeis pela jovem geração trabalhadora, estes mesmos idosos apontam “os jovens de hoje” como frágeis diante das adversidades da vida. Segundo Dona Lindalva, um motivo para o suposto envelhecimento precoce da geração atual seria a gravidez na adolescência, visto que

“... [e]ssa juventude tá ficando velha cedo, menina de 15 anos já anda com uma criança no colo e outra na barriga, aí com 20 anos já estão doente!”. (Comunicação pessoal, 66 anos, junho. 2018)

Dentre as interlocutoras do CCIZG, percebemos que a ideia de envelhecimento vem acompanhada de um sentir e viver em um meio social que não está preparado para atribuir um sentido e uma função social a pessoa idosa, o que pode contribuir para aumentar o isolamento e a fragilidade inerentes ao processo de declínio da saúde do sujeito que envelhece. Esta possível hostilidade aos idosos, aparentemente não é sentida no interior do grupo religioso frequentado pelas pessoas do CCIZG, em que se percebe um lugar social criado e ressignificado por essas mesmas pessoas para reagir às agruras da dor física, preconceito e isolamento conferidos pela sua condição de idosas/os, em uma sociedade que valoriza a capacidade de trabalho e produção sistemática. Nesse sentido, podemos inferir que a prática religiosa e a troca de informações sobre recursos terapêuticos que percebemos, parecem se constituir como um espaço de resistência ao papel relegado aqueles que envelhecem, além de potencializar o efeito terapêutico destas mesmas práticas no combate e convivência com a dor.

David Le Breton (2011) faz menção ao desconhecimento da classe médica atual em relação à eficácia simbólica de cunho levi-straussiano para o tratamento da dor e moléstias, citando como exemplo o que a farmacologia ocidental chamaria de efeito placebo, que trata do uso de práticas ou substâncias terapêuticas que não possuem efeito real por seus princípios ativos, mas pela crença do indivíduo que faz uso dela. Assim, o que determinaria o resultado do tratamento seria a maneira com que determinada sociedade afirma o sujeito ou substância como possuidor do dom/saber de cura, podendo o mesmo ser um médico, curandeiro ou xamã. Nesse sentido, a prática religiosa visualizada tanto no contexto indígena, quanto no centro de convivência não indígena, efetivamente constitui-se como práticas terapêuticas.

Outra semelhança entre os grupos pesquisados é o uso de ervas medicinais de forma ritualística, como recurso a saúde. Durante as interlocuções com as frequentadoras do CCIZG a casa de ervas foi mencionada como local adequado para compra de recursos terapêuticos, diante do baixo custo, composição natural e não intoxicação farmacológica. O estudo de Taiane Novaes do Carmo⁹ et. al. (2015) quanto aos tipos de ervas, sua procura e a forma de uso e ritualística em Belém/PA, demonstrou a grande variedade e uso para cura e proteção de acordo com objetivo do consumidor. É sabido que no caso desta cidade, o conhecimento e cultivo de ervas hoje comercializadas tem origem

⁹ A pesquisa foi realizada no Complexo Feira da 25 em Belém do Pará, e por meio de entrevistas com consumidores e erveiros, evidenciou o registro de 148 plantas comercializadas secas ou verdes, encontradas em garrafas, xaropes, lambedores (mistura de ervas) e utilizadas para fins medicinais, ritualísticos e medicinais ritualísticos.

africana e indígena, e que durante o longo período de tráfico de pessoas escravizadas, várias espécies vegetais embarcaram junto aos navios negreiros, e outras espécies botânicas foram levadas do Brasil para a África. Neste novo *habitat* em solo brasileiro algumas plantas importantes para os rituais de saúde foram substituídas. Os terreiros de religiões afro-brasileiras foram os maiores consumidores, tendo como representantes do saber de cura os *Yalorixás* (sacerdotes) responsáveis por prescrever o uso das ervas para fins medicinais e ritualísticos. Atualmente participam deste sistema de saúde não oficial as casas de ervas, erveiros, centros religiosos e o consumidor final. A composição das práticas de cura, crenças e costumes africanos foi nomeado como Terapêutica *Yorubá*, e sua origem provém da localização no sudoeste da Nigéria. Nesta perspectiva, alcançar cura parte da espiritualidade e da crença no poder de divindades envolvidas no processo por meio das ervas. (Almeida, 2003)

Não conseguimos até o presente atingir narrativas sobre o uso de ervas entre os *Karipuna* do rio Curipi, visto que grande parte desses conhecimentos são considerados “segredo”. Para pensarmos por analogia, para os *Kaingang* na Terra Indígena do Guarita, no Rio Grande do Sul, considera-se que as doenças podem atingir o corpo por intermédio de feitiçaria ou interferências espirituais, e para a prevenção e tratamento este povo mantém a utilização de plantas medicinais e ritualísticas a muitas gerações. A transmissão do conhecimento etnobotânico entre os *Kaingang* se dá nas atividades diárias compartilhadas. Os conhecimentos sobre quais plantas devem ser utilizadas na ritualística medicamentosa só podem ser ensinados aos mais jovens caso os mais velhos tenham a sensação de estar no fim da vida, pois acredita-se que quando os ensinamentos são passados antecipadamente aos mais novos, diminuem seu tempo de vida. (Porsch, 2011)

As ervas e seu uso medicinal ritualístico se fazem presentes na fala das interlocutoras não indígenas com que dialogamos, e também nas festividades das comunidades indígenas do Oiapoque, bem como em parte dos terreiros de religião afro-brasileira mais conhecidos, o que demonstra o peso do conhecimento etnobotânico no processo de cura. Nesse quesito, percebemos em nosso trabalho de campo que tanto na comunidade indígena, quanto na não indígena alcançadas na pesquisa, não é possível separar práticas terapêuticas de práticas religiosas. As práticas curativas, tanto no caso do xamanismo *Karipuna*, quanto das religiões das idosas belenenses, parecem combinar-se no tratamento da dor por uso de ervas, o que nos leva a pensar tanto na eficácia simbólica acima referida, como na prática religiosa como instrumental no enfrentamento da dor. É o mesmo Le Breton (2012) quem considera que assim como a fome a sede, a dor é sentida de maneira diferenciada pelas pessoas, mediante sua experiência subjetiva de pertença social.

Conclui-se provisoriamente que a reflexão sobre a consciência do envelhecimento e da mortalidade é algo que caracteriza o ser humano em sua diversidade (Kellehear, 2016), mas que diferentes percepções/sentidos sobre o envelhecimento são experimentadas em diferentes arranjos sociais. Nesse sentido, aspirar a plenitude de vida e, conseqüentemente, a morte adequada é algo que muito provavelmente perpassa todas as culturas humanas etnografadas. Mas cumpre mencionar que a diferença mais intensamente percebida entre as duas comunidades abordadas, dentre diferentes interlocutores/as idosos/as, guarda relação com a falta de equipamentos públicos de saúde e qualidade de vida que poderiam prover um processo de envelhecimento mais confortável. Assim, as práticas religiosas e terapêuticas identificadas parecem somar-se no esforço de combater a dor e a ausência de saúde em ambos os casos. A diferença fulcral entre os dois grupos etnografados parece estar exatamente na representação social que os mesmos atribuem as pessoas idosas, o que aparentemente interfere de forma objetiva na percepção de saúde, doença, intensidade da dor e relevância social destas mesmas pessoas, no interior de seus respectivos grupos de convivência.

REFERÊNCIAS DOCUMENTAIS

Linadalva da Silva. 2018. Entrevista concedida em Belém/PA. Brasil.

Maria Lucia. 2018. Entrevista concedida em Belém/PA. Brasil.

Natân dos Santos (Povo *Palikur-Arukwayene*). 2018. Entrevista concedida no rio *Urukauá*. Oiapoque/AP. Brasil.

Yanomami dos Santos Silva (Povo *Karipuna*). 2016. Entrevista concedida na Aldeia Santa Izabel. Oiapoque/AP. Brasil.

Ziral Alves Pinto. 2017. Entrevista concedida ao Programa de televisão Altas Horas. Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/6347638/>

BIBLIOGRÁFICAS

Alves, Isidoro. 2005. "A festiva devoção no Círio de Nossa Senhora de Nazaré" *in Estudos avançados* vol. 19, n. 54, p. 315-332. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S01030142005000200017&script=sci_arttext&tlng=es Acesso em: 15/04/2019.

Almeida, Maria. Zélia de. 2003. *Plantas medicinais*. Salvador. EDUFBA.

Barros, Myriam Moraes Lins de. 2003. *Velhice ou terceira idade*. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas.

Beltrão, Jane Felipe, Barata, Camille Gouveia C. e Passos, Flávio Pereira. 2019. *Envelhecimento, Gênero e Violência: os relatos de abusos e negligência nos convidam a refletir sobre como a sociedade lida com velhas mulheres*. Belém, Ed. Especial Beira do Rio.

Beltrão, Jane Felipe. 2020. "Senhor Uwetmin e as narrativas da memória e identidade Palikur/ Arukwayene" In *Keka Imawri: narrativas e códigos da guerra do fim do mundo*. Belo Horizonte: CMFL.

Carmo, Taiane Novaes do; Lucas, Flávia Cristiane Araujo; Lobato, Gerciane de Jesus Miranda & Gurgel, Ely Simone Cajueiro. 2015. "Plantas medicinais e ritualísticas comercializadas na feira da 25 de setembro, Belém, Pará". In *Enciclopédia Biosfera, Centro Científico Conhecer*. v.11 n.21 Disponível em: <http://www.conhecer.org.br/enciclop/2015b/saude/plantas%20medicinais.pdf>. Acesso em: 13/04/2019.

Cuche, Denys. 2002. "A Gênese Social da Palavra e da Ideia de Cultura" In *A Noção de Cultura nas Ciências Sociais*. Bauru: Edusc, p. 17-32.

Debert, Guita Grin. 1997. "Envelhecimento e curso da vida". In *Revista Estudos feministas*. Vol 5. n. 1: p. 120. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/viewFile/12564/11720>. Acesso em: 11/12/2017.

Debert, Guita Grin. 1994. "Pressupostos da reflexão antropológica sobre a velhice". In *textos didáticos. Campinas, IFCH/UNICamp*. n. 13: p. 7-30. Disponível: <https://www.ifch.unicamp.br/publicacoes/pub/livros/1497>. Acesso em: 12/12/2017.

Decreto Nº. 1.948 sobre Política Nacional do Idoso. Brasília: 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d1948.htm. Acesso em 17/04/2019.

Jurkevics, Vera Irene 2005. "Festas religiosas: a materialidade da fé". in *Revista História: Questões & Debates* vol. 43, n. 2. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/7863> Acesso em: 14/04/2019.

_____. 2012. *A sociologia do corpo*. Rio de Janeiro: Ed. Vozes.

Kellehear, Allan. 2016. *Uma História Social do morrer*. São Paulo: Ed. Unesp.

Le Breton, David. 2011. *Antropologia do Corpo e Modernidade*. Rio de Janeiro: Ed. Vozes.

Minayo, Maria Cecília De Souza & Coimbra, Carlos Everaldo Alvares. 2002. "Entre a liberdade e a dependência: reflexões sobre o fenômeno social do envelhecimento" In *Antropologia, saúde e envelhecimento*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ. p. 11-24. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/d2frp/pdf/minayo-9788575413043-02.pdf>. Acesso em: 18/01/2018.

Moreno, Toledo Angel. 2011. "Viejismo (ageism). Percepciones de la poblacion acerca de la terceira edad: Esteriotipos, actitudes e implicaciones sociales" In *Revista Poesias* vol. 10, n. 9. Disponível em: <http://funlam.edu.co/revistas/index.php/poiesis/article/view/101>. Acesso em: 20/12/2018.

Porsch, Juliano. 2011. *Saberes da natureza e conhecimento etnobotânico indígena: o caso da comunidade Kaingang na terra indígena do Guarita*. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação Tecnológico em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural – Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS. Porto Alegre. (Inédito) Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/52340> Acesso em: 13/04/2019.

Sztutman, Renato. 2005. "Sobre a ação xamânica" In: Gallois, Dominique (Org.). *Redes de relações nas Guianas*. São Paulo, FAPESP, p. 151-226.

SOBRE OS ORGANIZADORES

SILVIA INÉS DEL VALLE NAVARRO: Profesora y Licenciada en Física, Doctora en Ciencias Física. Directora del Departamento de Física de la Facultad de Ciencias Exactas y Naturales de la Universidad Nacional de Catamarca, Argentina. Editora de la Revista Electrónica “Aportes Científicos en PHYMATH” – Facultad de Ciencias Exacta y Naturales. Profesora Titular Concursada, a cargo de las asignaturas Métodos Matemáticos perteneciente a las carreras de Física, y Física Biológica perteneciente a las carreras de Ciencias Biológicas. Docente Investigadora en Física Aplicada, Biofísica, Socioepistemología y Educación, dirigiendo Proyectos de Investigación de la Secretaría de Ciencia y Tecnología de la Universidad Nacional de Catamarca con publicaciones científicas dentro del área Multidisciplinaria relacionado a fenómenos físicos-biológicos cuyos resultados son analizados a través del desarrollo de Modelos Matemáticos con sus simulaciones dentro de la Dinámica de Sistemas. Participación en disímiles eventos científicos donde se presentan los resultados de las investigaciones. Autora del libro “Agrotóxicos y Aprendizaje: Análisis de los resultados del proceso de aprendizaje mediante un modelo matemático” (2012), España: Editorial Académica Española. Coautora del libro “Ecuaciones en Diferencias con aplicaciones a Modelos en Dinámica de Sistemas” (2005), Catamarca-Argentina: Editorial Sarquís. Miembro de la Comisión Directiva de la Asociación de Profesores de Física de la Argentina (A.P.F.A.) y Secretaria Provincial de dicha Asociación.

GUSTAVO ADOLFO JUAREZ: Profesor y Licenciado en Matemática, Candidato a Doctor en Ciencias Humanas. Profesor Titular Concursado, desempeñándose en las asignaturas Matemática Aplicada y Modelos Matemáticos perteneciente a las carreras de Matemática. Docente Investigador en Matemática Aplicada, Biomatemática, Modelado Matemático, Etnomatemática y Educación, dirigiendo Proyectos de Investigación de la Secretaría de Ciencia y Tecnología de la Universidad Nacional de Catamarca con publicaciones científicas dentro del área Multidisciplinaria relacionado a Educación Matemática desde la Socioepistemología cuyos resultados son analizados a través del desarrollo de Modelos Matemáticos con sus simulaciones dentro de la Dinámica de Sistemas y de la Matemática Discreta. Autor del libro “Ecuaciones en Diferencias con aplicaciones a Modelos en Dinámica de Sistemas” (2005), Catamarca-Argentina: Editorial Sarquís. Coautor del libro “Agrotóxicos y Aprendizaje: Análisis de los resultados del proceso de aprendizaje mediante un modelo matemático” (2012), España: Editorial Académica Española. Desarrollo de Software libre de Ecuaciones en Diferencias, que permite analizar y validar los distintos Modelos Matemáticos referentes a problemas planteados de índole multidisciplinarios. Ex Secretario Provincial de la Unión Matemática Argentina (U.M.A) y se participa en diversos eventos científicos exponiendo los resultados obtenidos en las investigaciones.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Actividad sexual 67, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75
Adultos 10, 13, 19, 21, 24, 25, 27, 28, 35, 40, 75, 199
África 144, 145, 146, 149, 154, 155, 167, 178
Amazônia 157, 158
Antropologia da dor 157
Artesanato 139, 143, 200
ASD 51, 54, 60

B

Buen vivir 22, 93, 94, 95, 96, 98, 99, 100

C

Caso Dreyfus 1, 2, 3, 5, 7, 8, 9
Circulação 144 150, 153, 154
Coherencia organizacional 109
Comunicação 1, 6, 9, 63, 85, 126, 133, 142, 160, 165, 166, 176, 183, 187, 188, 189, 195, 196, 203
Cosmovisión andina 93, 94, 95, 97, 98, 99
Cultura 9, 14, 26, 29, 34, 43, 44, 69, 83, 85, 96, 97, 120, 135, 139, 144, 145, 147, 148, 150, 151, 153, 168, 169, 170, 171, 175, 176, 177, 178, 180, 181, 183, 195, 196
Curas e plantas 144

D

Design 20, 100, 139, 140, 143
Desinstitucionalización 36, 37, 39, 45, 47, 49, 50

E

Economia Solidária 139, 140, 142, 143
Ecuador 36, 68, 70, 71, 76, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 100, 101
Envelhecimento e práticas terapêuticas 157
Escrita 200, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212
Estudos Culturais 183, 185, 194, 195, 196
Evento cultural 198
Extensão universitária 198, 199, 206

F

Fake news 1, 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9

Fortalezas del carácter 20, 21, 23, 24

G

Gênero 8, 24, 25, 69, 70, 75, 78, 79, 80, 81, 83, 84, 85, 86, 89, 91, 92, 96, 97, 101, 153, 168, 177, 210

Gerontología 20, 157, 164

H

Historiografia da Mídia 183

Hombres y mujeres mayores 67, 70

I

Identidade 80, 83, 127, 139, 169, 177, 183, 184, 186, 187, 195, 196, 211

Inconsciente 31, 207, 208, 210, 211, 212

Inteligencia emocional 10, 12, 13, 14, 18, 24

J

Juego 21, 22, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35

Juicio de coherencia 109, 110, 113, 116

L

Latino-Americano 62, 170

Latrogenia 37

Liderazgo auténtico 93, 97, 98

M

Maria 51, 78, 91, 102, 156, 161, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 194, 195, 196

Memória 64, 100, 128, 133, 145, 169, 183, 184, 185, 186, 187, 194, 195, 196

Movimento sindical 119, 120, 121, 130, 131

Music therapy 51, 52, 53, 54, 57, 59, 60, 61, 63, 66

N

Niños 28, 30, 31, 33, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 42, 44, 47, 50

Nordoff-Robbins Scales 51

Nueva Socialidad 36, 37, 42, 43, 48, 49

P

Personalidad 10, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 18, 22, 24, 30, 37, 40, 103

PET Agronomia 198, 200, 205

Polícia Federal 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 135, 136, 137, 138

Pós-verdade 1, 2, 5, 6, 7, 8, 9

Práticas sexuais 67, 70, 71, 72, 73, 75

Preocupación social 37, 49, 50

Psicanálise 207, 208, 210, 212

Psicoanálisis 28, 31, 33, 34, 108

Psicología del desarrollo 20, 26

Psicología Positiva 20, 21, 25, 26, 27

Pulsión 28, 32, 34

R

Rasgos de personalidad 10, 11, 12, 15

Reaproveitamento 139, 142

Relação 6, 7, 8, 53, 62, 64, 65, 80, 90, 123, 125, 132, 133, 140, 150, 152, 157, 158, 159, 160, 161, 164, 166, 168, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 180, 181, 184, 185, 186, 187, 195, 198, 202, 205, 210, 211

Representação psíquica 207

S

Saberes 123, 124, 131, 144, 145, 146, 148, 150, 152, 153, 154, 155, 156, 159, 160, 169

Salud/salud mental 102, 103, 107

Satisfacción sexual 67, 69, 70, 72, 74, 75

Saúde mental 78, 87, 88, 91, 143

Sensibilidad Social 36, 37, 38, 41, 48, 50,

Sentido subjetivo 109, 111, 112, 116

Significante 28, 32, 33, 34, 178, 207, 209, 210, 211

Sistema carcerário 78, 86, 87, 89, 90

Structural validity 51, 53, 54, 61, 65

Subjetividad 102, 103, 116, 117, 118, 132, 137, 158

T

Trabajo 11, 20, 23, 25, 27, 28, 30, 32, 34, 67, 70, 75, 93, 99, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 112, 116, 117, 118, 123

Trabalho imaterial 119, 120, 123, 124, 125, 127, 137

Traço unário 207, 208, 209, 211, 212

Trindade 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 180, 181, 182

V

Vejez 20, 21, 25, 26, 69

Violação de direitos 78

Violência contra a mulher 78

Vulnerabilidade 78, 79, 80, 81, 82, 83, 90, 91, 92, 158



**EDITORA
ARTEMIS**